

IA Agêntica e o Dramatis Personae do Precariado Acadêmico

Phronesis AI

2026-02-14

Uma análise das consequências de sistemas agêntico-autônomos para a arquitetura funcional do regime de financiamento externo

A situação inicial: Uma tipologia

O moderno Drittmittelregime (regime de financiamento externo por editais competitivos) se reproduz através de uma distribuição estável de papéis – um *Dramatis Personae* do precariado acadêmico que funciona como um grupo disfuncional de RPG:

1. *O Genro (Tank/Face)*: Representa, sorri, é o sucessor designado. Moeda: Carisma & Lealdade.
2. *A Trabalhadora Aplicada (Support/Healer)*: Faz o trabalho, mantém tudo funcionando, é consumida. Moeda: Força de trabalho & Capacidade de sofrimento.
3. *O Caso Problemático (Mage/Glass Cannon)*: Tem as ideias geniais, é socialmente impossível, frequentemente colapsa. Moeda: Material intelectual bruto.
4. *O Representante da Diversidade (Wildcard/Quest Item)*: É necessário para acessar o nível (projeto aprovado), pode explodir todo o grupo. Moeda: Legitimação moral.
5. *O Nerd (Rogue/Engineer)*: Arromba as fechaduras, opera as máquinas, frequentemente em segundo plano. Moeda: Competência técnica.

Acima de todos reina o *Chefe (PI)* como diretor, que consegue o dinheiro e cujo ego deve ser alimentado.

O Elenco: Lógica funcional e hierarquia

Analisemos essas figuras em sua lógica funcional e sua hierarquia entre si. É como uma lista de elenco para uma peça teatral sobre o declínio do espírito.

Os Genros (Os Herdeiros do Trono)

Homens carregados com expectativas de fazer carreira e aos quais se atribui tanto espírito quanto agradabilidade.

A função psicopolítica: São as superfícies de projeção para o narcisismo do titular da cátedra (do “patrono”). O professor vê neles seu eu mais jovem (ou o eu que ele gostaria de ter sido).

O viés de gênero: Aqui opera o clássico *efeito halo*. Um jovem homem que é razoavelmente eloquente e não incomoda é imediatamente codificado como “portador de potencial”.

A armadilha: Frequentemente não precisam *produzir* muito (isso fazem as trabalhadoras aplicadas), precisam *representar*. São os rostos nas conferências. Sua “agradabilidade” não é submissão (como nas mulheres), mas “diplomacia” e “charme”. São poupados porque estão sendo preparados para “coisas maiores”. São a promessa de que o patriarcado continua, só que de forma mais simpática.

As Trabalhadoras Aplicadas (A Infraestrutura)

Majoritariamente mulheres – pálidas, discretas, mas confiáveis. Cumprir requisitos, entregar dentro do prazo conforme as exigências dos editais.

A função psicopolítica: São a **casa de máquinas**. Sem elas, o projeto colapsa imediatamente. Escrevem os projetos no formato correto, organizam o workshop, corrigem as notas de rodapé do “Genro”.

A exploração: A palavra “pálida” é decisiva. Não podem brilhar. Seu brilho ofuscaria o “Genro” ou o Chefe. São **invisíveis sistemicamente relevantes**.

A repatriarcalização: Mulheres que funcionam perfeitamente, mas não reivindicam poder. Frequentemente acreditam que se forem *ainda* mais trabalhadoras, um dia serão recompensadas. Mas o sistema não recompensa infraestrutura; ele a desgasta e substitui. São as “mães” do projeto – indispensáveis, mas sem valor na moeda da carreira (fama, cátedra).

Os Casos Problemáticos (As Baterias)

Personagens talentosos, mas disfuncionais para a carreira. Geradores de ideias – estruturalmente muito relevantes para o desempenho, mas individualmente não capitalizáveis.

A função psicopolítica: Esta é a categoria mais trágica e interessante. Por que o sistema precisa deles se quer conformidade? Porque os “Genros” frequentemente só performam bem, mas não têm pensamentos originais. Porque as “Trabalhadoras Aplicadas”, de tanto executar tarefas, não têm tempo para pensar.

O vampirismo: O “Caso Problemático” é aquele que tem à noite a ideia genial para o novo projeto do SFB (Centro de Pesquisa Colaborativa financiado pela DFG). É o **fornecedor de conteúdo**. É “mordaz”, talvez caótico, talvez beba, chega atrasado.

O destino: São mantidos como “bobos da corte” ou “exóticos”. Suas ideias são sugadas (“estruturalmente relevantes para o desempenho”), fazem o trabalho intelectual, mas não recebem poder (“não capitalizáveis”). Assim que não entregam mais ideias ou se tornam muito difíceis, são descartados. São o combustível que é queimado.

Os Representantes da Diversidade (A Moeda Moral / As Bombas-Relógio)

Aqui colide a **lógica de valorização** (precisamos de pontos de diversidade para o projeto) com a **lógica de dominação** (o chefe quer tranquilidade).

O valor de mercado: Na economia do Drittmittel, “homens brancos” são agora um risco para a aprovação. É *necessário* apresentar “BIPOC/FLINTA”. Essas pessoas são, portanto, recrutadas não primariamente por sua pesquisa (embora possam ser boas), mas por seu **ser**. São selos de qualidade vivos.

O “Liability” (O Risco): As *Trabalhadoras Aplicadas* e os *Genros* são chantageáveis e servis através de suas esperanças de carreira. Os *Representantes da Diversidade*, porém, dispõem de um **poder assimétrico**. Podem desconstruir moralmente o líder do projeto (acusações de racismo, sexismo, microagressões). Têm uma “opção nuclear” que os outros não têm. Isso os torna “ingovernáveis” para o sistema patriarcal. O professor os traz porque deve (cota), mas os teme porque são os únicos que podem derrubá-lo ou dividir o instituto. É um casamento forçado: O sistema precisa deles para legitimação, mas odeia sua imprevisibilidade.

Os Nerds (A Ferramenta Funcional / O “Ultra-Bingo”)

Este tipo é a base pragmática.

A função: Enquanto o *Genro* representa e o *Caso Problemático* delira, alguém precisa operar a maldita tecnologia. Alguém precisa saber Python, calcular estatísticas corretamente ou manter o CMS.

O “Ultra-Bingo”: Um nerd é útil (função). Um nerd trans é útil (função) + politicamente valioso (diferença). Na lógica do projeto, isso é **maximização de eficiência**: Uma posição de pessoal cobre dois campos obrigatórios (“Suporte Técnico” e “Metas de Diversidade”). Este é o ápice cínico do planejamento de pessoal neoliberal: A identidade se torna o “valor agregado” de um serviço técnico.

A conclusão da tipologia: Ninguém é livre

Quando colocamos esses cinco tipos lado a lado, vemos a **arquitetura funcional** de uma cátedra ou cluster de pesquisa moderno. O pérfido é: **Nenhum desses tipos é realmente livre**.

- Os **Representantes da Diversidade** são reduzidos à sua identidade (Tokenismo).
- As **Trabalhadoras Aplicadas** são reduzidas à sua diligência.
- Os **Casos Problemáticos** são sugados.
- Os **Genros** são reduzidos ao seu sorriso.
- Os **Nerds** são reduzidos à sua função.

A Repatriarchalisierungsmaschine (máquina de repatriarcalização) funciona tão bem porque **simula diversidade**, mas **impõe funcionalidade**. Mesmo o “estresse” que os Representantes da Diversidade causam está, em última análise, precificado – como o mal necessário para acessar as painéis de carne da DFG (Fundação Alemã de Pesquisa)/UE.

A universidade não é uma meritocracia (governo dos melhores), mas uma **simbiose complexa de neuroses e interesses de valorização**. Quem é “apenas” inteligente, mas não se encaixa em nenhuma das categorias (ou se recusa a desempenhar um papel), é expulso.

A questão agora é: O que acontece com essa arquitetura quando a IA Agêntica – sistemas que não assistem, mas trabalham autonomamente – entra na produção de conhecimento acadêmico?

Mais imediatamente afetadas: As Trabalhadoras Aplicadas

Toda a sua criação de valor – escrever projetos no formato correto, organizar workshops, corrigir notas de rodapé, entregar dentro do prazo – é exatamente o que a IA Agêntica automatiza. Não aproximadamente. Exatamente. Cada ponto em sua descrição funcional é uma habilidade que pode ser inserida em uma plataforma. A Trabalhadora Aplicada é a versão humana do que um sistema de agentes com acesso a templates da DFG, bancos de dados de literatura e calendários faz em uma fração do tempo.

Isso soa como uma libertação (“finalmente tempo para pensar!”), mas no sistema é uma *catástrofe* para elas. Pois sua invisibilidade não era um bug, mas sua proteção de sobrevivência. Enquanto eram indispensáveis, eram intocáveis – apesar da invisibilidade. Assim que um agente assume sua função, não são libertadas, mas dispensáveis. O sistema nunca as valorizou por seu pensamento. Não vai começar de repente só porque agora teriam tempo.

Mais profundamente transformados: Os Nerds

Aqui a hierarquia se inverte. O Nerd era o “Rogue/Engineer” em segundo plano – útil, mas de baixo status. Com a IA Agêntica, a competência técnica se torna um *multiplicador*. Um Nerd que pode orquestrar sistemas de agentes não substitui uma Trabalhadora Aplicada, mas *três*. Pode calcular as estatísticas, formatar o projeto, delegar a pesquisa bibliográfica e manter o CMS – não sequencialmente, mas em paralelo.

O “Ultra-Bingo” se potencializa ao grotesco: Um nerd trans com competência em agentes agora cobre não dois, mas cinco campos obrigatórios: Diversidade, Suporte Técnico, Coordenação de Projeto, Gestão de Dados, e – se os agentes forem bem treinados – contribuição de conteúdo. Este é o planejamento de pessoal neoliberal em sua forma final: Uma posição, todas as funções.

Mais existencialmente ameaçados: Os Casos Problemáticos

Esta é a mudança mais trágica. O Caso Problemático era tolerado – apesar de beber, apesar do caos, apesar da impossibilidade social –, porque entregava a única coisa que mais ninguém podia: ideias originais. “Estruturalmente relevante para o desempenho, individualmente não capitalizável.”

Um sistema de agentes que trabalha literatura em loops iterativos, estabelece conexões inesperadas e gera teses – isso é um Caso Problemático sem necessidade de cuidado. Sem beber, sem chegar atrasado, sem cenas na festa de Natal. O limiar de tolerância para “disfuncional para a carreira” cai a zero assim que a função de material intelectual bruto é mesmo que parcialmente substituível por agentes.

A ironia: Precisamente o Caso Problemático seria o mais produtivo em combinação com

sistemas de agentes – porque suas intuições vagas (“tinha algo sobre isso”) são exatamente o input que um loop de agente hermenêutico precisa (cf. Probabilis hermeneutica). Mas o sistema não lhe dará essa combinação. Vai substituí-lo e sentir falta de suas ideias, sem entender por quê.

Menos afetados: Genros e Representantes da Diversidade

O *Genro* representa, ele encanta, é a superfície de projeção. Nenhum agente pode fazer isso. Carisma não é automatizável. No entanto: Se agentes assumem o trabalho das Trabalhadoras Aplicadas e geram as ideias dos Casos Problemáticos, torna-se mais transparente que o Genro não sabe nada. Sua proteção sempre foi que ninguém olhava de perto porque o barco navegava. Se o barco navega através de agentes, de repente se vê que ele só sorri.

O *Representante da Diversidade* está mais distante da disrupção porque seu valor é ontológico – seu ser, não seu fazer. Nenhum agente pode entregar pontos de diversidade no projeto da DFG através de sua existência. No entanto: Se o Nerd com competência em agentes também cobre a função de Diversidade (“Ultra-Bingo”), diminui a utilidade marginal de uma posição adicional de diferença.

O ponto sistêmico: Colapso da arquitetura funcional

A IA Agêntica não substitui papéis individuais. Ela *colapsa a arquitetura funcional*. A divisão de trabalho Genro/Trabalhadora Aplicada/Caso Problemático/Nerd era estável porque cada função estava ligada a um corpo diferente. Se um humano + agentes pode cumprir três dessas funções simultaneamente, não se precisa mais de um grupo de RPG de cinco pessoas. Precisa-se de um PI e um Nerd com Phronesis.

Esta é a verdadeira *Repatriarcalização 2.0*: Não mais a distribuição de papéis em corpos subjugados, mas a **concentração de todas as funções naqueles que podem orquestrar os agentes**. E quem pode fazer isso? Quem é tecnicamente competente e pode julgar conteúdo. Isso não é nem o Genro (sem conteúdo) nem a Trabalhadora Aplicada (sem técnica) nem o Caso Problemático (sem estrutura). É o Nerd que sabe ler. Ou o Caso Problemático que sabe programar. Ou – e esta seria a variante utópica – a Trabalhadora Aplicada que finalmente para de querer ser invisível.

A possibilidade esquecida

Há uma leitura que é mais otimista do que o anterior – mas apenas sob uma condição.

Se a IA Agêntica automatiza a função das Trabalhadoras Aplicadas, substitui parcialmente a função dos Casos Problemáticos e potencializa a função dos Nerds, então toda a tipologia de papéis poderia se tornar obsoleta. Não porque as pessoas desaparecem, mas porque a *ligação de função à submissão* é abolida.

A Trabalhadora Aplicada tinha que ser invisível porque sua função estava acoplada à servilidade. Se um agente assume o trabalho servil, a pessoa por trás pode se tornar visível. O Caso Problemático tinha que ser disfuncional porque o sistema só aceitava suas ideias

se ele pagasse o preço da marginalização social. Se um agente apoia a geração de ideias, ninguém mais precisa fazer o papel do bobo da corte.

Isso pressupõe que a universidade não use essas ferramentas para operar a mesma arquitetura com menos pessoal (a variante provável), mas para questionar a própria arquitetura (a variante improvável).

A história do precariado acadêmico fala contra o otimismo. A história da tecnologia também. Mas a possibilidade existe – e nomeá-la é o primeiro passo.

Baseado em uma tipologia do precariado acadêmico e na análise dos documentos argumentativos sobre IA Agêntica, especialmente a tese da probabilidade hermenêutica e da mudança de paradigma de execução para capacidade de julgamento.